



Por nós, pelas outras, por mim: usos corporificados da cidade e formas de representação da mulher no movimento *funk*

A.R. Cunha¹

¹Mestra em Geografia pela Universidade Federal Fluminense - UFF
deia2cunha@gmail.com

Resumo

Esta proposta tem como intuito analisar as formas de representação e protagonismo da mulher no movimento *funk* nas últimas décadas no estado do Rio de Janeiro. Colocamos em pauta questionamentos sobre a relação de pertencimento do indivíduo ao lugar, estabelecendo diálogo com a presença feminina nesse movimento político-cultural. Nos concentramos em análises de letras e performances que expressem a vivência dessas mulheres e representem algum tipo de transgressão no meio *funk*. Destacamos a criação de novas representações de gênero que enfatizam papéis anteriormente destinados ao homem, evidenciando mulheres que ganham lugar de fala ao expressarem a liberdade sexual feminina como um gesto político. Esse movimento acaba por se constituir como instrumento de luta e legitimação, ao vocalizar questões e temáticas ligadas às mulheres periféricas, sendo um meio de denúncia contra a submissão e segregação que recaem sobre elas, originando novos modelos comportamentais femininos.

Palavras-chave: Mulher, corpo, *funk*, movimento político-cultural

1. Introdução

Por um longo período os homens tomaram conta da cena *funk* no Brasil, as mulheres se configuravam apenas como corpos destituídos de vozes, sujeitos inaudíveis em um lugar dominado por homens e construído para satisfazer o público e desejos masculinos. Jogos de poder baseados na submissão e dominação feminina são inseridos e reinventados nesses espaços. Diante disso, esta proposta objetiva refletir, mesmo que brevemente, sobre sociedade, cultura e poder através da análise de como determinados sujeitos periféricos vem utilizando a cultura, especificamente o *funk*, como reveladores do cotidiano periférico e resistência do lugar ao processo de segregação da metrópole. Com o intuito de analisar as formas de representação e o protagonismo da mulher no movimento *funk* nas últimas décadas no estado do Rio de Janeiro.

Henri Lefebvre, aponta que o urbano deveria ser tido como um espaço de reunião, de encontro, no qual “A democracia urbana implicaria a igualdade dos lugares, a participação igual nas trocas globais”^[1]. Entretanto, observamos o estabelecimento de uma hierarquia dos lugares, impondo normas e regras de viver e vivenciar os espaços, tentando impedir outros modos de pensar a cidade. Sociedade esta permeada por privilégios sociais baseados no classismo, gênero e raça onde a “modernidade organiza o mundo ontologicamente em termos de categorias homogêneas, atômicas, separáveis.”^[2] que resultam em múltiplas formas de opressão. O papel de gênero outorgado socialmente às mulheres as coloca em uma posição subalterna em relação ao homem. Os aparelhos institucionais convertem homens e mulheres em seres opostos envolvidos em relações de poder e assimetria. Contudo, é o corpo da mulher que recebe diariamente as marcas do machismo e misoginia. Seus corpos trazem as marcas da feminilidade somadas a raça, classe, religião, orientação sexual e moradia, sendo, na maioria das vezes, vítimas da sociedade misógina^[3].

A relação entre os gêneros, abordada por Bourdieu^[4], indica a permanência das desigualdades entre os sexos, não obstante as conquistas e mudanças obtidas por elas. As permanentes relações de submissão e dominação ocorrem pelo que ele chama de “violência simbólica”, através da qual os homens conseguem manter a ordem imposta socialmente. Na esfera espacial isso evidenciado quando o espaço público, tido como lugar do encontro, da reunião, assim como tudo ligado a ele se caracteriza como direcionado ao homem, e o espaço privado, o da casa, é destinado às mulheres. O autor acredita que os sistemas simbólicos exercem sua função política como ferramentas que determinam ou legitimam a dominação de uma classe sobre outra, auxiliando na domesticação dos dominados, que se constitui como natural nas práticas sociais. Os sujeitos e suas ações alteram a funcionalidade dos espaços, reivindicando o seu uso corporificado, tornando seu corpo em um objeto de luta política, criando diferentes redes de sociabilidade. O território se revela na corporeidade da cultura quando os corpos se unem e se apropriam dos diferentes tipos de espaços, o instaurando “[...] no meio do campo político e que, em sua função expressiva e significativa, transmite uma exigência corpórea por um conjunto mais suportável de condições econômicas, sociais e políticas não mais afetadas pelas formas induzidas de condição precária”^[5].

Neste cenário, o *funk que*, além de ser um símbolo juvenil e nacional, se configura como um fenômeno que mobiliza grandes contingentes de jovens, a princípio relacionado com indivíduos de baixa renda, se tornando um movimento de ressignificação das periferias e favelas. Que tem oferecido aos jovens dessas localidades a possibilidade de sociabilizarem, de se representarem e de se verem representados socialmente. Na cena *funk* as mulheres começaram a surgir alguns anos depois da inserção do movimento no Brasil. Por um longo período os homens tomavam conta do cenário, seja como compositores, produtores e/ou cantores. A participação feminina para além de público ocorriam como dançarinas, sendo erotizadas e sexualizadas através de letras machistas que as classificavam como “cachorras”, “preparadas”, “gatinhas” ou “popozudas”. Somente em meados dos anos 2000, quando o *funk* já havia firmado-se no Rio de Janeiro como um dos mais populares ritmos da cidade, MCs mulheres ganharam projeção.

A inserção da mulher ocorreu em diversas vertentes do *funk*, perpassando pelo romântico, sensual, e também o consciente, com letras que narram o cotidiano dos lugares em que estão inseridas. Através dessas alterações observamos alguns processos de empoderamento feminino, nos quais mulheres começam a compor e cantar *funk* partindo das suas experiências enquanto sujeitos femininos pobres e periféricos. Dessa forma, nos concentramos em análises de letras e performances com questões ligadas a temáticas sexuais, ou não, que expressem a vivência dessas mulheres e representem algum tipo de transgressão no meio *funk*.

2. Materiais e Métodos

2.1. Materiais

A elaboração da pesquisa foi baseada na análise de fontes, incluindo bibliografias referente às temáticas a serem trabalhadas, textos e documentos acessíveis em sites elaborados pelos protagonistas, material áudio-visual, ações culturais, shows, notícias e entrevistas de jornais, revistas e blogs acerca dos temas. Nos concentramos principalmente em análises de letras de canções produzidas pelo movimento *funk*.

2.2. Metodologia

Realizamos aqui uma pesquisa tradicional crítica, não participante, mas que respeita e dialoga com os sujeitos e suas práticas. Como nosso principal objeto de análise são os discursos propagados por homens e mulheres por meio das letras produzidas pelo *funk*. Tentamos criar estratégias para transmitir as ações desses sujeitos de maneira mais original possível, analisando discursos, comportamentos, estéticas corporais, locais de origem e

desenvolvimento de suas atividades. Lidamos aqui com uma relação entre pesquisa e pesquisador na qual o objeto é vivo e em constantes transformações, indo além, são indivíduos com desejos, questionamentos e contradições que não podem ser negligenciadas.

3. Resultados e Discussão

Os discursos masculinos analisados apresentaram nas letras de *funk* representações de mulheres objetos, enquanto o homem assumia um papel superior na relação. A ele é atribuído uma corporalidade que o define e o faz agir com postura de dominador. Isso é demonstrando nas letras e nas expressões corporais exibidas por homens e mulheres nos bailes. Canções evidenciam a violência física e simbólica contra a mulher como algo natural, demonstrando nitidamente a persistente visão machista patriarcal, modelo de conduta colonial, que ao ser reformulada e atualizada permanece colocando a mulher em um papel subserviente. Observamos diversas letras populares que romantizam os relacionamentos abusivos e são permeadas de conteúdos derivados e diretamente relacionados ao machismo, a violência doméstica, ao feminicídio e a violência sexual.

O surgimento de artistas como Valesca Popozuda, Tati Quebra-Barraco, Deize Tigrona, Carol de Niterói, Anitta e outras MC's começa-se a observar uma inversão de poderes no interior do *funk*. Tati e Deize foram as primeiras a apresentar canções com letras diretas que evidenciam questões relacionadas ao sexo e ao prazer, quebrando padrões de beleza socialmente impostos e evidenciando questões ligadas ao controle sobre o próprio corpo. O *funk* passa a se caracterizar como espaço de fala e luta, não só para homens, mas também para as mulheres. Neste contexto, percebemos que a figura feminina assume diversos papéis. Em determinados momentos elas invertem as representações que lhes são atribuídas, assumindo o papel de dominadora na relação, como também aceitam a submissão que por vezes recaem sobre elas. Diante disso, observamos práticas repletas de identidades subjetivas e críticas sociais que evidenciam problemáticas relacionadas as questões de gênero, raça, classe. Enfatizamos algumas das temáticas recorrentes e que permeiam as produções femininas e as agrupamos em dois grandes temas: Liberdade sexual e empoderamento feminino; e Periferia, raça e gênero.

O primeiro grupo traz na linguagem de suas canções demandas sociais e culturais, evidenciando diretamente problemáticas ligadas às relações sexuais, gerando a valorização e empoderando à figura feminina. Elas subvertem a imagem elaborada e imposta para a mulher na sociedade ao trazerem em suas canções questões relacionadas à sua intimidade e sexualidade, fato que podemos apontar como uma das diversas críticas dirigidas às cantoras. o surgimento de novos laços de solidariedade. A valorização e união entre sujeitos femininos são propagados e perpetuados diante dessa nova lógica, a ocupação feminina reproduz e gera o empoderamento feminino. Na segunda temática, Periferia, raça e gênero, agrupamos canções que levantam reflexões sobre espaços periféricos na luta contra o machismo, racismo, lgbtfobia demonstrando preocupação acerca da presença e ocupação dos espaços por corpos femininos. Destacando a necessidade de se apropriar do espaço, por meio da luta, sem esquecer as raízes históricas que ajudaram na construção da sociedade.

As letras provocantes e a utilização do corpo como instrumento de expressão e de liberdade sexual fazem com que as *funkeiras* travem debates que caminham entre a objetificação e o empoderamento dos corpos femininos. Nosso olhar aqui se volta para o questionamento: O feminismo pode estar presente no *funk* ou são contraditórios? Alguns críticos acreditam que essas mulheres não estão priorizando sua liberdade sexual nas canções e performances, mas apenas reproduzindo as imposições sociais que absorveram, se configurando como um resultado da opressão machista. Compreendemos que o sensual e erótico trazido por essas mulheres podem não simbolizar o discurso feminista, até mesmo porque o próprio feminismo tece inúmeras críticas ao erotismo como forma de

empoderamento, afirmando que este pode se determinar como um elemento que descaracteriza o movimento.

A participação feminina no *funk* demonstra a saída da mulher, por vezes, do papel submisso socialmente refletido no movimento, mas também se afasta dos discursos feministas mais tradicionais através das suas performances e propostas. Essas mulheres expressam suas realidades através das letras e de seus movimentos corporais sem, por vezes, terem o intuito de perpetuarem o movimento feminista e seus ideais. Elas podem apenas retratar suas vivências, experiências e necessidades enquanto mulher periférica. O que nos cabe aqui é compreender que o *funk* funciona como um veículo que dá voz as mulheres silenciadas, que as faz conquistar espaço de fala e a ganhar representatividade dentro do movimento, levando problemáticas e questões femininas e, por vezes, o próprio feminismo a lugares que ele nunca alcançou.

Apesar de muitas mulheres no cenário *funk* não se considerarem feministas, suas ações se fazem interessantes para a análise devido a sua influência social. A inserção de mulheres no *funk*, suas canções e ações, acabam servindo como ferramentas na luta pela emancipação feminina, dos seus corpos e dos papéis sociais que lhe são designados. Entendemos aqui que um movimento, seja ele entendido como feminismo ou não, estabelecido por essas jovens, de maneira consciente ou não, ocorre quando elas se desprendem de amarras diretamente e apenas ligadas as suas funções biológicas e avança criando territorializações e laços solidários a partir da cultura, enfrentando e superando os espaços socialmente destinados as mulheres. Mediante vivências musicadas observamos que as apropriações realizadas pelas mulheres no *funk*, somada a superação do espaço privado, as colocam enquanto protagonistas nos ambientes públicos e geram novas relações entre os sujeitos fora e dentro do próprio movimento.

4. Conclusões

Observamos que o crescimento do espaço conquistado pelas mulheres no *funk* e suas músicas se tornaram cada vez mais abrangentes, abarcando temáticas diretamente ligadas a questões políticas e sociais. Contudo, debates ainda são travados sobre a dualidade apresentada pelo movimento, que ao mesmo tempo em que se configura como resistência, empoderamento e liberdade sexual da mulher, traz a objetificação das mulheres. Alguns grupos femininos inseridos nesse movimento têm procurado questionar as representações da figura da mulher e o posicionamento inferior que muitas vezes lhe é atribuído, reivindicando assim, visibilidade cultural e política. Aumentando a visibilidade pública e a capacidade de mobilização popular tendo como protagonistas mulheres que falam de suas próprias experiências, o que acarreta na produção de maior representatividade ao trazer outras visões e novas questões, modificando o curso dos movimentos. Fazendo-se necessária a emergência de novos discursos geradores de vozes plurais que buscam uma sociedade que evolua de maneira mais igualitária através da consciência de novas necessidades e remodelamentos.

Referências

- [1] LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. 3 re Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, p.114.
- [2] LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3): 935-952, setembro-dezembro/2014, p.935
- [3] OLIVEIRA, Anita Loureiro de. Geografias corporificadas: outras narrativas da vida na metrópole. In ; OLIVEIRA, Anita Loureiro de. SILVA, Catia Antonia da (orgs.). **Metrópole e crise societária**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019. p. 60.
- [4] BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. (Trad.) Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- [5] OLIVEIRA, Anita Loureiro de. Geografias corporificadas: outras narrativas da vida na metrópole. In ; OLIVEIRA, Anita Loureiro de. SILVA, Catia Antonia da (orgs.). **Metrópole e crise societária**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019, p.59.